A LITERATURA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

DONATA DE CÁSSIA MARINHO

RESUMO
O ensinamento da escrita tem sido desconsiderado nos programas educacionais das etapas iniciais da educação pública no Brasil. A história de desvalorização da literatura expõe inúmeros obstáculos enfrentados pelos educadores ao tentar reservar um breve momento de suas aulas para discutir textos artísticos, que costumam ser consideravelmente mais intrincados do que os textos de referência utilizados para a leitura e interpretação em grande parte das aulas de língua portuguesa. Diante dessa realidade, diversas questões problemáticas que cercam o ensino da escrita artística na rede pública podem ser identificadas, incluindo a carência de programas de desenvolvimento contínuo na formação dos professores, a extensa quantidade de conteúdos a serem abordados em um número limitado de aulas por semana, a ausência de colaboração interdisciplinar, e outros assuntos que serão explorados neste estudo com o propósito de visualizar possíveis intervenções futuras. O ensino da literatura brasileira na educação desempenha um papel fundamental na formação cultural e intelectual dos estudantes, oferecendo não apenas conhecimento sobre as obras e autores nacionais, mas também insights valiosos sobre a história, a sociedade e a identidade do Brasil. A literatura brasileira é um dos pilares da nossa cultura, refletindo a diversidade, os conflitos e as conquistas do povo brasileiro ao longo dos séculos. Ao estudar obras clássicas e contemporâneas da literatura nacional, os alunos têm a oportunidade de ampliar sua visão de mundo, desenvolver habilidades críticas de análise e interpretação, além de aprimorar a expressão escrita e oral.

PALAVRAS-CHAVE: Desvalorização; Educadores; Literatura.

INTRODUÇÃO

A transição do século XIX foi marcada por um cenário de ascensão de conceitos patrióticos, com a escola nacional brasileira buscando introduzir o estudo da literatura do país através de revisões nos planos de estudo e na literatura educativa empregada. Pesquisas conduzidas naquela época pelo Colégio Pedro II, uma instituição educacional estabelecida em 1837 com o objetivo de ser um modelo para o sistema educacional brasileiro, apontam que somente a partir de 1892 o ensino literário começou a ser incorporado por meio da matéria denominada História da literatura nacional, marco que simboliza sua oficialização e é respaldado pela adoção do livro educativo História da literatura do Brasil, escrito por Silvio Romero. Durante esse período, o anseio pela consolidação de uma identidade nacional e a construção de um repertório literário brasileiro eram evidentes, elementos cruciais para o desenvolvimento histórico, estético e cultural da nação.

À época, a literatura detinha uma posição de destaque nos conteúdos escolares. Sobre esse tema, em sua obra "O direito à literatura", Candido já sustentava a ideia de que "uma sociedade justa requer o respeito aos direitos fundamentais do ser humano, sendo o acesso à arte e à literatura em todas as suas formas e níveis um direito fundamental inalienável." (CANDIDO, 1995, p. 262)

No final do século XX, com o progresso das inovações tecnológicas e dos estudos culturais, a prática dos estudos literários começou a sofrer um declínio, uma vez que as correntes formalistas e estruturalistas da época estavam concentradas principalmente na produção literária contemporânea, em especial no modernismo de autores como Clarice Lispector e outros.

À medida que surgiam desafios e incertezas em torno da literatura, era imperativo que as universidades mantivessem seu foco principal, que era formar profissionais aptos para suas respectivas áreas de atuação. Assim, a capacitação de professores deveria ter sido uma prioridade naquele momento, mesmo diante do contexto acadêmico tumultuado da época, uma vez que as consequências desse período, como a diminuição do inte-

resse nos estudos literários, ecoam até os dias atuais nos cursos de Letras do país.

OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA

A abordagem predominante no ensino da literatura enfrenta um desafio significativo ao concentrar-se na cronologia da produção literária nacional. Esta ênfase pode ser identificada nos materiais didáticos adotados nas instituições de ensino, por meio das coleções do PNLD (Programa Nacional do livro didático). A maioria dos educadores da educação básica fundamenta suas aulas exclusivamente nesses recursos, indicando que para uma transformação eficaz na perspectiva teórica dos estudos literários, é crucial incorporar também os livros didáticos.

Apesar das limitações mencionadas, o livro didático permanece como o recurso mais acessível no cenário educacional público brasileiro, alcançando todas as regiões do país e sendo essencial para a alfabetização das comunidades mais carentes. Portanto, é necessário direcionar mais investimentos na elaboração desses guias didáticos, visando a consolidação do conhecimento interdisciplinar e a promoção da literatura como um meio de desenvolver indivíduos críticos, indo além da mera exposição da cronologia literária nacional.

Outro ponto relevante a ser destacado ao discutir o ensino de literatura é a noção de letramento literário. Segundo Angela Kleiman (1995, p. 19): "o letramento pode ser definido como um conjunto de práticas sociais que empregam a escrita como um sistema simbólico e tecnologia em contextos específicos para objetivos determinados". Nesse contexto, o letramento literário utiliza a literatura para construir significados únicos que são comunicados em diversas interações sociais. Ao considerar a literatura como uma forma de atividade sociocultural que se utiliza da escrita, o conceito de letramento revela-se pertinente e proveitoso, abarcando o sistema literário desde a produção até o seu alcance ao leitor, incluindo o processo de ensino.

A respeito do papel desempenhado pelo educador responsável pelo ensino literário nas instituições de ensino, é crucial notar os variados elementos que podem impactar diretamente no êxito desse profissional.

Inicialmente, destaca-se a importância da educação continuada dos professores, visando à atualização de conhecimentos e adaptação às novas demandas e tecnologias. Os programas de aprimoramento pedagógico resultam em avanços significativos por meio da partilha de experiências e da reflexão sobre a prática docente, fundamentais para a construção da identidade profissional de cada mestre.

Em segundo lugar, há uma urgência em reformular o currículo dos cursos de Letras. É essencial discutir as novas exigências dos alunos para garantir que a preparação dos educadores seja eficaz e os capacite a se integrarem às transformações socioambientais.

Outro aspecto relevante é a discrepância entre a recomendação de abordagens interdisciplinares nos documentos oficiais de Educação e a prática nas instituições públicas, onde frequentemente o docente de Língua Portuguesa segmenta sua disciplina, tratando de produção textual, gramática e literatura de forma separada.

O modelo educacional atual, centrado exclusivamente nos livros didáticos, promove abordagens superficiais da literatura, com resumos e paráfrases, muitas vezes limitando-se a pesquisas sobre contextos externos às obras, como o contexto histórico.

Contrariamente, o contato com a literatura deve proporcionar tanto aos alunos quanto aos professores uma ampliação de horizontes, a aquisição de novas vivências e a reflexão sobre a realidade circundante. Conforme Aguiar e Bordini afirmam, a compreensão do mundo concreto, marcada pelo significado humano conferido a esse mundo pelo autor, resulta de uma interação mediada pela linguagem verbal, seja escrita ou falada. (AGUIAR E BORDINI, 1993, p. 14)

Por meio da investigação sobre a História da Educação do Português, notou-se que os missionários jesuítas foram pioneiros na introdução da Literatura Brasileira, com o intuito de converter os Povos Nativos. Durante essa época, a educação formal existia, porém era reservada apenas aos descendentes da elite colonial. Essa educação elitista persistiu até cerca da metade do século

XX. O método educacional era centrado em obras clássicas como as de Homero, Virgílio, entre outros autores famosos, enfatizando a aprendizagem das normas cultas da língua, a sintaxe e a transmissão de valores considerados fundamentais para a conduta humana. Esses valores englobavam aspectos éticos, patrióticos e espirituais.

Segundo Arroyo (1968, p.120):

As análises sobre os primeiros momentos do surgimento da literatura infantil no Brasil indicam que esse gênero, do ponto de vista histórico, teve suas raízes na literatura utilizada como material de leitura escolar. Ou seja, em textos numerosos criados especificamente para fornecer leitura às crianças nas escolas. Não se referem, neste contexto, às obras destinadas à infância de outros países que chegaram aqui por meio de traduções, pois essas eram igualmente adequadas tanto para adultos quanto para crianças.

A esfera da literatura infantil representa um vasto domínio que constantemente estimula a exploração. Quando Alice entra na toca do Coelho Branco e se depara com uma diversidade de emoções que vão desde o choro até o riso, enquanto percorre diferentes cenários e situações, o leitor e o crítico, com a mesma capacidade de encantamento da personagem criada por Lewis Carroll, mergulham no mundo mágico oferecido pelos livros. A análise dessas obras se torna prazerosa, como balançar em um balanço ou deslizar por um escorregador. Que enigma e fascínio essa literatura apresenta, podendo ser apreciada por pessoas de diversas idades? Como podemos abordá-la para compreendê-la e valorizá-la de maneira apropriada?

Na esfera da literatura para crianças, inicialmente, encontramos uma forma artística que se manifesta como expressão criativa do mundo, da humanidade e da existência por meio de palavras. Este fenômeno integra os sonhos e a realidade cotidiana, o imaginário e o tangível, os ideais e suas realizações possíveis ou impossíveis... (COELHO, 2000, p. 27).

Analisar a importância das histórias e, especialmente, da literatura infantil não é apenas uma responsabilidade das crianças. É um tema que requer a atenção de adultos, mas de adultos com uma mentalidade jovial. São aqueles adultos que recordam a sua infância ou anseiam por revivê-la. Procuram resgatar momentos passados, situações específicas, trazendo o passado para o presente a fim de se sentir livre, despreocupado, para que os seus desafios sejam os mesmos de quando eram crianças, e não os que enfrentam na atualidade.
A literatura exerce uma influência tão profunda na vida de cada indivíduo, seja pela sua profusão ou pela sua escassez, que deixa marcas, alimenta ou expõe os corações, tendo o poder de transformar uma criança em um ser completo, alegre e afetuoso.

A LITERATURA PARA OS JOVENS LEITORES
Fomentar o hábito da leitura desde tenra idade é essencial, considerando a importância dos livros voltados para os jovens, que são cruciais para a aprendizagem, entretenimento, esclarecimento e interação social. Adicionalmente, é altamente benéfico envolver os jovens em atividades lúdicas relacionadas com a leitura, como por exemplo, preparar uma refeição enquanto interpretam e seguem as instruções.

É fundamental lembrar que entre os recursos culturais aos quais as crianças têm o direito de ter acesso está a linguagem verbal, que engloba a fala e a escrita, ferramentas fundamentais para a expressão de pensamentos, emoções e imaginação. O desenvolvimento da linguagem oral depende das oportunidades que as crianças têm para observar e participar diariamente de diversos contextos comunicativos nos quais podem interagir, conversar, ouvir contos, relatar eventos, brincar com palavras, refletir e expressar as suas próprias opiniões, discernir conceitos, identificar conexões e descobrir novas formas de perceber o mundo. Este é um processo que requer planejamento e constante atenção (BRASIL, 2009, p.15).

Por meio da diversão proporcionada pelos livros, os pequenos aprimoram a sua compre-

ensão textual, enriquecendo o seu vocabulário. Com a expansão deste vocabulário, eles absorvem de forma mais profunda o conteúdo das histórias. Além disso, a inclusão de ilustrações em obras destinadas ao público infantil acrescenta camadas de informação visual.

À medida que a sociedade avança e as tecnologias digitais de compartilhamento do conhecimento evoluem, certos elementos permanecem inalterados. Um exemplo é a escrita voltada para o público jovem, que se destaca como um ponto significativo na vida, lembrado com carinho por adultos por meio das recordações de leituras marcantes durante a juventude. A importância duradoura dessas criações se evidencia pela função das histórias exemplares como ferramentas educativas que entrelaçam tramas com lições morais concretas.

Imerso em relatos envolventes e ao partilhá-los, o leitor jovem se encanta e enriquece com sua interpretação única; a narrativa ganha mais vida com sua própria alegria, tornando qualquer conto humorístico muito mais atrativo quando contado por um narrador talentoso do que quando lido em texto.

Contar fábulas para o público infantil vai além da simples leitura; é um ato que contribui para o desenvolvimento do pensamento, incentivando o prazer pela literatura em vez de encará-la como uma simples obrigação escolar.

Conforme Lourenço Filho (1959 citado em ZILBERMAN, 2010, p. 36) observou:

Ler sem propósito é vazio. A leitura é uma ferramenta, um meio, e nenhuma ferramenta tem valor próprio, mas sim pelo uso adequado que dela fazemos. Na transição para a fase que este livro se destina, o mais importante são os hábitos que as crianças podem adotar em relação ao texto escrito (FILHO, 1959).

O ato de narrar histórias é uma habilidade exclusivamente humana. Por natureza, somos seres que contam histórias. É crucial compartilhar narrativas com os jovens, mesmo as mais breves, pois essas pequenas histórias transformam cada dia em uma festa coletiva e incentivam o surgimento do pensamento crítico.

As histórias não se limitam a refletir o presente; elas podem resgatar memórias, evocar o distante ou o ausente. Através dos relatos contados, uma criança pode criar imagens de objetos ou seres ausentes. Munida do repertório de histórias ouvidas, ela elabora uma "encenação" onde dita a sequência dos eventos. Dessa forma, assume o papel principal em sua própria jornada pessoal, um aspecto fundamental para seu crescimento.

A LITERATURA COMO ARTE

A expressão artística destinada ao público jovem é um fenômeno criativo que retrata a existência humana, o universo e a realidade por meio da linguagem escrita. Ela combina os devaneios com as práticas do cotidiano; o imaginário com o concreto; os ideais, o viável, o inatingível. Essa forma de arte introduz a criança ao universo da descoberta, onde os sonhos se misturam à realidade, e a fantasia se entrelaça intimamente com a vida real, permitindo à criança explorar, descobrir e se envolver em um mundo mágico; capaz de alterar a realidade, seja ela positiva ou negativa, esse ambiente pode ser proporcionado de maneira adequada, como defendem Amato & Garcia (1989), quando afirmam que:

Um ambiente repleto de estímulos é o lugar ideal onde a criança aprende a apreciar a leitura, a se expressar, a se educar. (...) Além de promover a leitura, a biblioteca não deve negligenciar a formação do hábito da leitura voluntária, da pesquisa individual. (AMATO & GARCIA, 1989)

Observa-se que não basta ter apenas uma biblioteca; é imprescindível incentivar a leitura de obras literárias, selecionar livros, discutir seus temas para despertar interesse. Além disso, é crucial preparar o ambiente de modo que as crianças se sintam confortáveis e desfrutem da leitura. A biblioteca é o espaço de experimentação da pesquisa acadêmica, por meio dela, pode-se estimular a iniciativa do aluno e estimular sua criatividade.

O mundo é impulsionado pela comunicação, e a habilidade de liderança de uma pessoa

está intrinsecamente ligada à maestria na arte da comunicação verbal e de argumentação coerente para persuadir seus interlocutores. Conforme Lajolo, a avaliação de uma obra literária pelo seu leitor está relacionada à conexão que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de leitura que estabelece a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece adquirir uma natureza literária quando seu uso cria um universo, um espaço de interação entre subjetividades (autor e leitor) que escapa da imediatez, da previsibilidade e dos estereótipos das situações e usos da linguagem que caracterizam o dia a dia (LAJOLO, 2002, p. 38).

Nessa perspectiva, a Literatura é a interação entre os textos, as palavras e os significados, e interage com o leitor, trazendo para sua realidade a interplay entre a subjetividade e a realidade, conforme sua necessidade de conhecimento e desejo por aprendizado, aspectos que parecem desafiadores, mas essenciais para se destacar na sociedade contemporânea, onde a Literatura Brasileira desempenha um papel crucial. Em outras palavras, é a narrativa da história nacional contada por indivíduos que buscam expressar suas percepções, emoções e opiniões sobre os eventos ao seu redor.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino da língua portuguesa tem sido alvo de intensos debates e análises desde os anos 1970 por aqueles envolvidos na formulação de políticas educacionais. As conversas e visões sobre educação, outrora confinadas às instituições acadêmicas, agora se expandem para além das universidades, adentrando os corredores dos órgãos políticos e influenciando a elaboração dos documentos oficiais de ensino do país.

Conforme o acadêmico João Wanderley Geraldi, da UNICAMP, até meados da década de 1990, o sistema educacional brasileiro enfrentava as repercussões de um anseio por mudança impulsionado por debates abrangentes sobre as práticas pedagógicas em diferentes níveis escolares. Esse desejo por transformação, segundo Geraldi, não se manifesta mais da mesma maneira, sendo substituído por uma série de publicações de documentos e diretrizes oficiais que, em muitos casos, buscam impor novas abordagens para a educação escolar.

O período de redemocratização do país, como apontado pelo mesmo autor, foi caracterizado por um clima de intensa atividade política. O anseio por mudança e participação na construção de um novo modelo educacional impulsionava a sociedade da época. Diversos eventos reuniam milhares de educadores, não apenas os acadêmicos, mas também os professores da base, como mencionado por Geraldi. Nessas ocasiões, experiências vivenciadas em sala de aula eram compartilhadas, fomentando um diálogo frutífero que resultava em propostas inovadoras para a educação no Brasil.

Assim, segundo Geraldi, em meio a um processo de participação amplamente difundido em diversos setores da sociedade civil, surgiram iniciativas para a formulação de uma nova legislação educacional. Essa proposta foi arquivada e substituída por um projeto supostamente elaborado por Darcy Ribeiro, enviado como homenagem ao seu criador para aprovação como lei. Dessa conjuntura, surgiu a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Consequentemente, "Encerra-se o período de participação, considerado 'desperdício de tempo' e, portanto, ineficiente. Os técnicos, especialistas e consultores competentes trazem as soluções: basta reunir suas contribuições." (GERALDI, 2015, p. 383). Voltamos ao silêncio e à invisibilidade das práticas escolares diárias, frequentemente subestimadas em seu valor.

Leyla Perrone Moisés, em seu trabalho de 1996, apresenta críticas contundentes à organização da linguagem e literatura nos registros do MEC, especialmente no PCNEM de 2000. Segundo ela, ao incluir diversas formas de expressão em que a linguagem verbal é apenas uma entre muitas, o documento acaba por menosprezar a importância da língua, já que não recebe a ênfase adequada. Para efeitos de confirmação e esclarecimento, recorro às palavras da própria autora:

Aqueles que se dispuserem a dedicar algu-

mas horas à leitura dos registros do Ministério da Educação do Brasil sobre o ensino da literatura irão se deparar com algumas surpresas. A primeira delas é perceber que essa área não é mais denominada "Língua e literatura", mas sim "Linguagens, Códigos e suas Tecnologias". O título por si só transmite muito. Estamos em uma era de "linguagens" no plural, ou seja, multimídia, e, dentre essas linguagens, a verbal é apenas uma delas, e não a mais crucial. Diversas linguagens implicam múltiplos códigos. E a maestria desses códigos não é considerada uma questão de conhecimento, mas sim de tecnologia. (MOISÉS, 1996 p. 20)

Ao analisar a passagem acima, percebemos que a crítica da autora se concentra na maneira como o ensino de literatura é concebido nesses registros. No próximo segmento, irei examinar mais detalhadamente o ensino de literatura. Contudo, essa citação é relevante por também abordar a posição do ensino da língua no documento, que, segundo a autora, é subestimada. Assim, mesmo que o documento reconheça a importância fundamental da linguagem na formação das interações humanas, sua disposição não a reconhece como tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura antiga servia a um propósito único, conferindo-lhe um apelo envolvente e atraente. Segundo análises de especialistas no campo, é perceptível que a produção literária daquela época mantinha a sua natureza instrutiva. No entanto, com o passar do tempo, essa abordagem educativa passou por uma mudança completa, transformando-se em uma obrigação para alcançar objetivos específicos.

Muitas crianças e adolescentes têm o seu primeiro contato com a leitura dentro de casa, seja ouvindo histórias ou tendo acesso a materiais impressos provenientes de familiares mais velhos. Estes últimos, inadvertidamente, ao cultivarem esse hábito, incentivam os mais jovens a se interessarem pelos livros.

No entanto, essa realidade não se aplica a todos, uma vez que algumas famílias, apesar de reconhecerem a importância dessa prática e se mostrarem favoráveis a ela, deixam de lado a leitura, não a promovem e, de certa forma, exercem uma influência negativa ao dar demasiada ênfase à televisão, que oferece tudo de maneira instantânea, em detrimento do livro, que proporciona ao leitor total liberdade para conceber e reconceber uma imagem conforme sua própria compreensão, criatividade e imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. p. 9-23.

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n. 20, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Brasília, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em 03 set.2024.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil?. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235- 265.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: ed. Moderna, 2000.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (org.) Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, B. Q; MELO, M. A. de. A literatura e o li-

vro didático: uma análise das relações intermidiáticas. Disponível em: file:///C:/Users/DANGLEI/Downloads/Dialnet-ALiteraturaEOLivroDidatico 5279578.pdf. Acesso em 04 set.2024.
MOISÉS. Leyla Perrone. Literatura para Todos. In: Literatura e sociedade. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo. N. 1 (1996). São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLLC, 1996.
PEREIRA, D. C. de. Literatura em pauta: reflexões sobre a leitura literária. São Paulo: Todas as letras, 2015.
VIEGAS, A. C. C. Alguns desafios do ensino de literatura na educação básica. Disponível em: http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/87. Acesso em 07 set.2024.
ZILBERMAN, Regina. A leitura e o ensino da literatura. Curitiba: IBPEX, 2010.